

JEAN GENET – EROTISMO, ÊXTASE, PAIXÃO E GOZO A EVANDRO DA ROCHA GASPAR

Daniel Correa Felix de Campos
Universidade Federal de Santa Catarina

Após percorrer os escritos de Genet, sobretudo a prosa e a poesia, e ter apresentado a dissertação intitulada – *A Paixão segundo Jean Genet: labirintos e barroquismos*, cujo texto desdobra-se na discussão a respeito da estética, da poética e da paixão com base na tendência barroquizante de sua arte, obstino-me, agora, a discorrer sobre o erotismo.

Interpretar a arte de Genet é trespassar labirintos, sentir êxtases e odores, identificar traços barroquizantes e penetrar em regiões de erotismo extremo. Nessa leitura que inicio, adentro por essas regiões e procuro pensar a respeito de dois aspectos bem expressivos: o homoerotismo e a presença do gozo. Tais características surgem na solidão da cela ou da solitária, nos quartos do reformatório de Mettray, nos corredores das prisões ou em outros lugares fechados como dormitórios, esconderijos, becos, entre outros. A análise a que me proponho tem dois atos, e passarei a descortiná-los em algumas cenas.

Primeiro ato: DO EROTISMO

Cena 1 – *O Rito da Paixão*

Antes de discorrer a respeito do rito, destaco que a paixão em Genet é caracterizada sempre como a dupla paixão – a paixão carnal e a paixão purificada. A primeira refere-se à paixão presente no desejo carnal, no erotismo ao extremo, à busca do gozo, dos prazeres, da

concupiscência, e do êxtase. A segunda faz referência àquela que purifica, capaz de expurgar os males, os erros e os pecados da carne: pensa-se na Paixão de Cristo e nos martírios e êxtases dos santos. Muitas das personagens de Genet, condenadas a viver essa dupla paixão, vivenciaram a verdadeira redenção purificadora e conseqüentemente a *via crucis* da paixão, pela transgressão e pelo enaltecimento da paixão homoerótica ou do amor dos impossíveis¹.

Ao abordar esse amor, Genet busca reforçar a extraordinária força empregada para que este se realize, uma vez que ele é considerado impossível. Afinal, sabe-se que desde a Idade Média o mundo ocidental o trata como delito. Entretanto, esse amor resistiu e resiste às violências, censuras e coerções sociais. O amor impossível só se torna e é possível uma vez que, análogo ao outro, se realiza na oposição à própria realidade. E Genet aponta para essa realização.

A paixão purificada é sempre caracterizada, por sua vez, por meio de uma dupla trajetória: a dolosa dos santificados e a do amor hiperbólico dos impossíveis (a paixão ao extremo, do excesso ao êxtase). No romance *Notre-Dame-des-Fleurs* tem-se como exemplos as personagens que vivem essas duplas trajetórias: Divine, Mignon, Notre-Dame e Gabriel. Por viverem o chamado amor *contre nature*, elas atravessam um martírio calcado na condenação e no calvário da dolorosa paixão. É a mesma que glorifica o mártir e que traduz o suplício na transgressão e no erotismo do amor dos impossíveis.

Quanto ao ritual, esse é marcado pela sagração do profano. O rito se evidencia por intermédio do martírio das personagens (sobretudo nos romances) que vivem o rito na dobra dor-prazer e gozo, e Genet reveste as personagens com o manto e a auréola sagrada, ou melhor – a auréola do martírio. As personagens se tornam beatificadas ou santificadas.

Atravessar esse rito é também atravessar texturas, dobras, desdobras, adereços, interiores-exteriores, movimentos, cicatrizes, toques, sentidos, sensações, fetiches e desejos. No

¹ Expressão empregada pelo autor ao nomear o amor entre homens, sobretudo no romance, *Querelle de Brest*.

romance *Miracle de la Rose*, o narrador lembra que a paixão possui vícios e cultos diversos. De fato, a própria paixão desvela-se como rito, este é fortemente marcado pelo signo de Eros, e também representa a troca, não mais aquela outrora sagrada entre deuses e homens, em Genet a troca “auréolar” é entre homens, exclusivamente entre homens, imersos em prazeres, afetos, desafetos, amores e intimidades – a troca homoerótica e o gozo.

Cena 2: *Do rito, das trocas para além das práticas homoeróticas*

No desdobre dessa leitura, aponto para um olhar ao homoerotismo em dois instantes: o primeiro, é o olhar que observa a cumplicidade e a intimidade que cercam os amantes, aqueles que, por sua vez, interpenetram-se e formam-se sujeitos híbridos. Considera-se que, no exercício da homoafetividade e do homoerotismo entre sujeitos híbridos predominam contatos, jogos, laços, diálogos, pactos e correspondências que tendem aos movimentos simétricos, ou melhor às relações paritárias².

O segundo é o olhar que pensa esses sujeitos e suas respectivas práticas homoeróticas e homoafetivas e para além dessas experiências. Pois, eles constroem e atravessam trajetórias que também reconhecem outras formas de prazer, de paixão, de afeto e de amor, sobretudo formas essas que se realizam por meio da “dessexualização”, como analisa Foucault:

Uma verdadeira dessexualização... a [sic] um deslocamento em relação à centralização sexual do problema, para reivindicar formas

² Entendem-se como paritárias as relações que não reproduzem o clichê que evoca o modelo da tradicional sociedade burguesa – à moda do macho ativo e do macho passivo.

*de cultura, de discurso, de linguagem, etc., (...) os movimentos homossexuais americanos também partiram deste desafio. Como as mulheres, eles começaram a procurar formas novas de comunidade, de coexistência, de prazer. (...) trata-se, não digo de “redescobrir”, mas de fabricar outras formas de prazer, de relações, de coexistência, de laços, de amores, de intensidades.*³

Importa aqui trazer outro trecho do discurso foucaultiano por meio da leitura de Valero⁴ (abaixo), pois poder-se-á identificar e reconhecer que a perspectiva de Foucault, transfigurada em filosofia, é partidária do pensamento subjacente à arte de Genet. Esse paralelo pode ser estabelecido à medida que na trajetória e no cerne da escritura de Genet desponta também a proposta de “dessexualização”⁵. É preciso ter em mente que a escritura de Genet não é restrita a uma amostragem do “mundo” do crime, da marginália, do homoerotismo como imerso em crimes, traições e mortes; o escrito é arte e como tal em seu movimento de liberdade aponta para o erotismo, a transgressão e o reconhecimento do duplo, ou seja, de si mesmo e do outro, dos corpos e do uso dos prazeres, no eixo paixão – erotismo; ou ainda, a arte genetiana é capaz de revelar aquilo que a concepção foucaultiana defendeu sobretudo no segundo e no terceiro volumes da História da Sexualidade de Foucault, interpretada por Valero:

En esta dessexualización se elaborarían otras formas de placer, de relaciones polimorfas con los cuerpos con las personas y las cosas,

³ FOUCAULT, Michel . *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado [et al] Graal. Rio de Janeiro, 1979, pp. 268 e 238.

⁴ VALERO, Pedro M. H. *Michel Foucault*. Editorial Âgora. Málaga, 1994, p. 122.

⁵ Esse termo é assim empregado na obra traduzida de Foucault *Microfísica do Poder*, no capítulo intitulado *Sobre a História da Sexualidade*.

de coexistencias, de amores, de lazos y de intensidades. (...)

Superar la sexualidade no consiste, desde luego, en la simples exaltación del placer perverso en cuanto rechazo de la sexualidade normalizada – como sostiene Marcuse – (...); más bien se trata de librarse de las codificaciones de poder conocidas (de las cuales, las mismas perversiones serían ejemplos), para inventar nuevas experiencias de ser. En este sentido hablaba Foucault de un modo de ser gay, no consistente en afirmar dicha identidad, sino en buscar un cierto estilo de existencia; de un arte de vivir(...) en fin, de la posibilidad de utilizar nuestro cuerpo como una fuente posible de numerosos placeres. ⁶

Ao firmar seus escritos no eixo paixão-erotismo, ao mesmo tempo em que aponta para a “dessexualização”, Genet tem o domínio de revelar em sua arte o “fabricar outras formas”- à maneira transgressora (erótica por excelência). As diversas “outras formas” de prazer, relações e intensidades afloram principalmente por intermédio da sagração do profano ou da inversão e do hibridismo das relações homoeróticas ao criar múltiplas possibilidades no ato de “fabricar”. Ao manter esse ato, passa a instaurar um outro, o de desafio em face do discurso autoritário do sexo, ato que profetiza o fim da “monarquia do sexo” ou o não ao “sexo rei”⁷. Genet trata em suas escrituras do poder, do jogo de poder e mais da resistência ao poder⁸, da transgressão e também da “dessexualização” propriamente dita.

⁶ VALERO, Pedro M. H. *Michel Foucault*. Editorial Âgora. Málaga, 1994, pp. 233 - 234 e 238.

⁷ Os dois termos são empregados por Foucault ao abordar os discursos que tratam da “verdade” sobre o sexo. FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Ed. Graal. Rio de Janeiro, 1989, p. 235.

⁸ Michel Foucault afirma que “onde existe poder, existe resistência”. FOUCAULT, Michel. *Opus citatum*, p. 240.

Pode-se também ler que o “fabricar” que Genet assinala não é restrito à prática homoerótica (embora seja por meio dela exemplificado), esse “fabricar” é também um ato (suave ou violento) embutido no movimento erótico a realizar-se nas mais diversas formas e expressões de amor, paixão, afeto e amizade. E Genet evidencia essas novas formas, esse “fabricar” por meio de prazeres múltiplos em todos os seus escritos .

SEGUNDO ATO – *DO GOZO*

Cena 1 – O gozo sob o cetro de Thânatos, Ânteros e Eros

Abordar as cenas de erotismo significa acercar-se também do lugar do gozo. O gozo na arte genetiana surge múltiplo sob as mais diversas expressões, entre elas as três mais recorrentes são: o gozo acompanhado pela morte, o gozo dos dois amantes, e o gozo solitário presente no delírio reinventado.

O primeiro é evidenciado no romance *Pompes Funèbres*, diante da inevitável separação (como consequência primeira do fim da guerra) entre o alemão Erik e o francês Riton. O jovem francês sabe que não vai suportar a perda de Erik, então antes da separação, após os últimos instantes do gozo dos amantes, tira-lhe a vida com um tiro certo. Pois, por não poder possuir o amado, o amante prefere matá-lo a perdê-lo. Em *Querelle de Brest*, a morte também estende seu véu. Gil deve fugir, deixar a cidade, afastar-se do amante. Após íntimos afagos é traído por Querelle que o entrega à polícia. A morte simbólica. E horas depois, Gil recebe por fim a pena de morte. A morte dupla.

Já o gozo dos amantes é descrito por intermédio de um cenário carregado de transgressão, erotismo e paixão exacerbada, e muitas vezes com toques de violência. Bataille⁹, ao referir-se aos

⁹ BATAILLE, George. *O erotismo*. p. 16

movimentos próprios ao erotismo, afirma que “o domínio do erotismo é o domínio da violência, o da violação”. Nesse contexto, o gozo é também marcado por extrema sensualidade, êxtase e poesia.

Em *Notre-Dame-des-Fleurs*, ao tratar do gozo a dois, o narrador descreve uma cena íntima entre a protagonista Divine e seu amante Gabriel. A cena é composta por prazeres, beijos, danças, gozo, violência, essa última transfigura o amante que é descrito como um fauno, e no momento do gozo torna-se um centauro de beleza apolínea, enquanto que Divine, naquele momento desmaia cheia de gozo e amor, como uma ninfa que cai docemente sobre as copas das árvores.

O terceiro gozo, o solitário, é aquele recriado pela imaginação, esse é capaz de expressar o erotismo por meio das mais diversas possibilidades. Nesse momento, o gozo reina sobre o interdito, seja no isolamento da cela ou da solitária (espaços por excelência do eixo vigiar-punir). O fato é que o gozo viola esses espaços. Genet o descreve por meio de uma poesia exuberante repleta de perfumes e volúpias – “la volupté des dernières gouttes”¹⁰. A volúpia domina e o gozo resplandece. Ou melhor, o gozo não só resplandece como também aponta para uma dimensão incomensurável, transgressora, para além da busca do prazer, o gozo que se realiza em profundo elogio ao corpo, ao amor, ao igual e à morte – Thânatos, Ânteros e Eros.

Esse elogio surge como canto poético manifestado, de modo implícito ou explícito, em toda a sua obra, seja nos poemas *Un chant d’amour*, *Le Condamné à mort*, ou na dedicatória apaixonante ao amante em *Notre-Dame-des-Fleus*, entre tantos outros cantos expressivos. Esta é a arte de Genet que revela o elogio à poesia, ao amor, à paixão entre iguais, à morte e ao gozo, àquele que reina triunfante.

¹⁰ GENET, Jean. *Notre-Dame-des-Fleurs*. p. 46

Cena 2 – *Gozo, espelhos e olhares*

Se conhecer a arte de Genet é como percorrer labirintos lúgubres ou mesmo labirintos com mil e um espelhos, certamente nos seduzimos diante das imagens refletidas nessa travessia. Ora nos encantamos, ora nos descobrimos e desvelamos o erotismo, a dor-prazer, a poesia e o gozo (mesmo nas passagens mais recônditas do labirinto genetiano) sob as mais diversas formas. Ou ainda, simplesmente, nos vemos em suave ato de contemplação como aquele ato que antecede ou sucede ao gozo, como um olhar solitário e incisivo diante dos espelhos presentes na arquitetura de Genet. Então, ao nos vermos refletidos, lançamos um olhar que nos revela, ou melhor que nos coloca diante de nós mesmos e vemos reproduzida sob a superfície do espelho a imagem que nos inquieta e abala, ou nos encanta e seduz. Nesse instante, nos deparamos intimamente com nossos desejos, fantasmas, sombras, máscaras e reflexos e vivenciamos a presença do gozo, do amor e da morte.

Côncio de que outras “miradas” podem ser semeadas sob o brilho e reflexos dos espelhos que compõem o conjunto arquitetônico da arte genetiana, encerro aqui uma leitura possível, aquela que lança o olhar, fixa-o e desvenda o gozo presente nessa arte lembrando os versos de Genet.

“A palma de minhas mãos recusando esses dons

A noite dançará só à beira de nosso túmulo

Uma dança arrancada dos mais pobres objetos (...) E cristais de enxofre. Agachado na relva...

Como a tristeza me mata e fala de um pastor!

Deixa-me vestir para alcançar tuas misérias

Esses repositórios de sal dos degraus subterrâneos. Os bosques de pinheiros, potência das trevas. Teu olho. Para ver nos minutos entreabertos imóvel um galope escapar-se de teus pés. Para devolver em teus dedos minhas armas perigosas (...) Belo rapaz em cujo pulso cem rosas ecoam. Essa foice o adormeceu (...)"

*Jean Genet*¹¹

¹¹ GENET, Jean. *Pompes Funèbres*. Gallimard. Saint-Amand, 1997, p. 61.
Tradução livre da obra.